



Os traçados estereotómicos do retábulo dos Valle (Santa Iria, Tomar) de João de Ruão

Carla Alexandra Gonçalves | CEAACP - Universidade de
Coimbra | UAb | carla@uni-ab.pt



O retábulo de calcário dedicado ao Calvário, ou à Crucificação de Cristo, realizado por João de Ruão para o topo da Capela (inicialmente conhecida como a de Jesus) dos Valle, na igreja de Santa Iria, em Tomar, provavelmente entre 1533 e 1536^[1], resultou de uma encomenda feita por D. Miguel do Valle, fidalgo da Casa Real. O encargo certifica-se através da pedra de armas familiar e da inscrição, no entablamento do arco de entrada da capela, onde se regista: *Capela de Miguel do Vale e de seus herdeiros*. A data inscrita no portal da Igreja de Santa Iria (1536) assinala o ano do final das obras quinhentistas de remodelação daquele espaço.

Miguel do Valle foi, a partir de 1521, escrivão da alfândega portuguesa em Ormuz, transitando para Goa, em 1524, onde exerceu o cargo de feitor (Rego, 1949, p. 47; Paiva, 2005, pp. 168-169), por nomeação de Vasco da Gama (Valle de Castro, 2020, p. 31). Desconhecendo-se a data do retorno de Miguel do Valle a Portugal, sabe-se que, em 1534, comprava a Quinta de Santana da Guerreira (Tomar) que ainda permanece à família (ANTT, PT/TT/AVSM). O morgado da Guerreira foi instituído em 1550 por Miguel do Valle e sua mulher, D. Catarina de Magalhães (ANTT, PT/TT/AVSM/0001/000001). Em 1549, D. João III escreve uma carta ao conde de Portalegre (D. Álvaro da

Silva e Menezes) para atribuir a Miguel do Valle a mercê de fidalgo cavaleiro com moradia de mil e duzentos réis e um alqueire de cevada por dia (ANTT, PT/TT/AVSM/0023/00044).

Com os elementos até agora obtidos, não se sabe como Miguel do Valle chegou a João de Ruão, seleccionando-o para a realização do portal e do retábulo da capela de Jesus. Todavia, a fama deste arquitecto-escultor, já durante os anos 30 do século XVI, não o faria passar despercebido. A comprová-lo estão, entre tantas outras obras, os túmulos de Góis (D. Luís da Silveira, 1531) e de Trofa do Vouga (D. Duarte de Lemos, 1534) e, especialmente, as diversas obras encomendadas para Santa Cruz e para a Sé Velha de Coimbra, onde deixaria uma marca substancial, na Porta Especiosa, a mando do Bisco-Condé D. Jorge de Almeida, trabalhos que concebeu durante a mesma década.

[1] O documento da instituição do morgadio de Miguel do Valle e sua mulher regista que a capela de Jesus já estava concluída em 1550-03-23, porque nele se refere o «mosteiro de samta eyria de tomar das freyras homde esta a capella e jaziguo delles jnstituydores». Mais à frente, no mesmo documento, diz-se que: «e asy disseram mais os ditos jnstituydores que toda a pessoa que suçeder e erdar este morguado e falecer em parte que se posa mandar sepultar ou mandar trazer sua osada na capella de Jhesu que elles Jnstituydores fizeram no dito moesteyro de sant eyria para seu jazigo e de seus descendentes sejam obrigados a se mandar sepultar nella e esto mandam e querem que se cumpra para que ande sempre a dita capella bem repairada e os que nella ouverem de sepultar lhe lembrem de nella fazerem e mandarem repairar do que lhe parecer ter neçesydade» (ANTT, Família Sinel de Cordes, cx. 5, mç. 6, doc. não numerado. VINC007990. Publ. por LOPES, Ana Mafalda, DUARTE, Fábio, OLIVEIRA, Maria Teresa (eds.) ROSA, Maria de Lurdes (coord.) (2024). *VINCULUM, A Memória dos Vínculos. Documentos do Projeto VINCULUM ANTOLOGIA DE FONTES*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 221. <https://doi.org/10.14195/978-989-26-2667-3>

Importa, agora e apenas, atender ao retábulo do Calvário da capela, uma obra uni-edicular onde se representa, num exímio relevo, a crucificação de Cristo ladeado, à esquerda, pelas personagens que costumam acompanhá-lo - a Virgem amparada por São João, duas santas mulheres, Nicodemos, Arimateia e uma figura de perfil, certamente tirada pelo natural, que pode corresponder ao retrato do encomendador, (Fig. 1) - e, à direita, por soldados peões e cavaleiros dispostos em perspectiva a partir de um grupo inicial, tudo desenhado e relevado extraordinariamente. Na base da Cruz está Maria Madalena, acocorada. A edícula encerra-se, de cada um dos lados, por colunas de fuste decorado e, depois delas, a rematar a estrutura, encontram-se duas pilastras relevadas (com delicados *candelabra*), a da esquerda ostenta, sobre uma mísula no topo da composição, o relevo de São Miguel Arcanjo e, a da direita, a figura de Gabriel Arcanjo. Sobre a edícula central corre um entablamento de friso decorado que sustenta o remate concheado, semicircular, do retábulo. Sobre as pilastras laterais sucede o mesmo, sobrepujando-se um entablamento encimado por pequenos lanternins, tão característicos da obra de João de Ruão. A predela é centrada pelo timbre dos Valle, relevando-se, de cada um dos seus lados, belas e refinadas harpias (Fig. 2) com terminações metamorfoseadas. Na predela, no ressaltado que dá forma às bases das colunas, surge um sátiro, à esquerda, e uma sátira à direita (Fig. 3). Estas representações iconográficas, especialmente a feminina, são praticamente únicas, no panorama decorativo congénere, exceptuando-se a sua representação no túmulo de D. Luís da Silveira (Matriz de Góis, 1531), ainda que plasticamente hesitantes, ou *experimentais*.





Fig. 1 (página anterior) - João de Ruão, Retábulo da Capela dos Valle, Tomar, c. 1533-1536. Pormenor da edícula central com uma figura masculina, de perfil, tirada pelo natural. C. Gonçalves, 2025.

Fig. 2 (em cima, à esquerda) - João de Ruão, Retábulo da Capela dos Valle, Tomar, c. 1533-1536. Pormenor da predela com a representação da hárpia a segurar o escudo de armas dos Valle. C. Gonçalves, 2025.

Fig. 3 (em cima, à direita) - João de Ruão, Retábulo da Capela dos Valle, Tomar, c. 1533-1536. Pormenor da predela com a representação de uma Sátira. C. Gonçalves, 2025.

O retábulo da capela dos Valle é irrepreensível, tanto no que concerne ao desenho estrutural, quando à qualidade da escultura e dos relevos num *stiacciato* que se desenvolve até ao brevíssimo e quase invisível ressalto, no fundo da edícula central, ou nos *grotesche* que povoam os elementos

arquitectónicos, em vários graus de profundidade. A articulação do retábulo, com um prolongamento das cenas, ou das estruturas arquitectónicas por detrás da face principal, ou nas laterais interiores da edícula central, segue um modelo que João de Ruão usou noutras obras.

O Laboratório de Conservação e Restauro de Materiais Pétreos, a funcionar no Convento de Cristo, no âmbito do Protocolo entre o Convento de Cristo de Tomar e o Instituto Politécnico de Tomar, procede, desde Outubro de 2024, a uma campanha de conservação do retábulo calcário do Calvário da capela dos Valle de Santa Iria (Tomar), desenvolvida por Fernando Costa (IPT) e por técnicos do convento.

O retábulo foi desmontado e retirado da capela, permanecendo nas oficinas do Convento de Cristo para submeter-se a trabalhos de limpeza (superficial, a seco, e imersão em água desionizada). Através da observação da obra desmontada foi possível descobrir um conjunto de traçados estereotómicos (porque a estereometria ultrapassa o corte da pedra para relacionar-se com a montagem estrutural, usando projecções horizontais e verticais para chegar à configuração final da construção) realizados pelo arquitecto que marcou as pedras a régua e compasso, (pelo menos) no topo superior da arquitrave e nos topos superior e inferior da predela, para que os elementos pétreos remanescentes se unissem correctamente nas prumadas do edifício retabular (Figs. 4 e 5).

Dupla página seguinte (Figs. 4 e 5):

Fig. 4 - João de Ruão, Retábulo da Capela dos Valle, Tomar, c. 1533-1536. Riscos estereotómicos no topo superior da arquitrave que indicam e projectam as estruturas que, abaixo, se desenvolvem, particularmente, o traçado da coluna e do espaço ocupado pelos capitéis, bem como o traçado do lanternim. C. Gonçalves, 2025.

Fig. 5 - João de Ruão, Retábulo da Capela dos Valle, Tomar, c. 1533-1536. Desenho no topo da arquitrave que projecta o volume do lanternim lateral que abaixo se estrutura. C. Gonçalves, 2025.





A pertinência deste achado é imensa, desde logo devido à sua extrema raridade, já que os riscos de apoio à montagem não ficam visíveis depois da obra acabada e porque permite aceder ao sistema construtivo do retábulo (Fig. 6). Junte-se a isto o facto de, em Portugal, ainda não circular literatura de suporte para este género de trabalho, durante os anos 30 do século, facto que determina uma ordem de trabalho tradicional e disseminada oficialmente. Estes registos na pedra informam sobre a ideia subjacente ao retábulo e sobre a prática construtiva e de ensamblagem, comprovando o valor da geometria que permite dar corpo a toda a estrutura que se desenvolve através de processos técnicos. As formas, que se exprimem através dos sintagmas arquitectónicos, decorativos e da iconografia retabular, são definidas através da aplicação de um sistema construtivo que atende ao seu resultado global que persegue a *venustas*. Os elementos de pedra lavrada que compõem a estrutura arquitectónica do retábulo investem no todo proporcionado e articulado. A ornamentação retabular não

oculta o desenho arquitectónico, mas estima-o e favorece-o, resultando numa união muito natural equiparável a um sistema biológico (os ossos, as carnes, a pele) equilibrado e harmonioso. Mas a beleza e graciosidade não advêm apenas do seu valor de integração, da sua elegância plástica, da *expertise* escultórica e do aperfeiçoado *stiacciato* mas, e também, do uso dos princípios geométricos que garantem o rigor proporcional e construtivo, no sentido da sua *firmitas*. E o todo surge, aqui, das suas partes, montadas de tal forma que o fazem elevar-se, na sua beleza e graciosidade, mas, e também, de acordo com os seus valores expressivos (a estética a depender da técnica). O corte das pedras lavradas é essencial, como é essencial o modo como elas se juntam rigorosamente para consubstanciar um todo estético e seguro.



Fig. 6 - João de Ruão, Retábulo da Capela dos Valle, Tomar, c. 1533-1536. Desenhos no topo superior da predela que sinalizam os lugares das estruturas acima dela, nomeadamente a coluna e a pilastra, à direita, bem como o espaço ocupado pela edícula central. C. Gonçalves, 2025.



João de Ruão ideou e concebeu este retábulo através do sistema estereotómico, ou seja, composto por peças discretas, inteligentemente cortadas e montadas de forma precisa, unidas através da força da gravidade e de acordo com uma intenção estética muito clara: a coesão e a harmonia do todo. A leveza do trabalho também advém deste processo, guiado, aquando da montagem *in loco*, através de desenhos feitos na pedra que determinam os lugares exactos da sua implantação (Fig. 7). Certamente que além destes desenhos auxiliares haveria outros documentos visuais, referentes ao projecto da obra e que não venceram o tempo (como os modelos tridimensionais e, também, o contrato da obra). Este retábulo, como tantos outros (da mesma, ou de outras equipas de artistas do século XVI), é

um todo edificado que se pensou com o cuidado que uma obra arquitectónica e escultórica necessita, e ilustra os procedimentos usados pelo artista neste e noutros projectos, cujos riscos pétreos se desconhecem, mas que à luz deste achado se anunciam. Atendendo a este exemplo, o ideal seria poder observar os traçados, complexos, nos blocos de pedra do retábulo da Sé da Guarda, ou da *Capela toda-a-pedra do Santíssimo Sacramento* da Sé de Coimbra, para dar exemplos mais radicais de obras íntegras.

Fig. 7 (página anterior) - João de Ruão, Retábulo da Capela dos Valle, Tomar, c. 1533-1536. Desenhos no topo inferior da predela, sob o Sátiro, que projectam a coluna superior do lado esquerdo do retábulo. C. Gonçalves, 2025.

DOCUMENTAÇÃO

ANTT. Arquivo Valle e Sousa de Meneses. Código de ref.^a PT/TT/AVSM.

ANTT. Cópia de instituição do morgado da Guerreira, por Miguel do Valle, fidalgo da Casa Real e Catarina de Magalhães, sua mulher. Arquivo Valle e Sousa de Meneses, cx. 1, n.º 1.

ANTT. Arquivo Valle e Sousa de Meneses, cx. 23, n.º 44.

BIBLIOGRAFIA

DEFILIPPIS, Francesco (2006). The Relation Between the "Construction Apparatus" and the "Decorative Apparatus" of the Cut-Stone Vaults and Domes of Philibert de l'Orme and Andrés de Vandelvira. In: *Proceedings of the Second International Congress on Construction History* [Volume 1]. U.K.: Short Run Press, pp. 951-967.

Disponível em: <https://www.arct.cam.ac.uk/system/files/documents/vol-1-951-968-defilippis.pdf> [última leitura em Junho de 2025].

DELGADO, Ricardo Jorge (2017). *A geometria na estereotomia da pedra na arquitectura religiosa portuguesa entre 1530 e 1580*. Universidade de Lisboa: Faculdade de Belas-Artes [tese doutoramento].

LOPES, Ana Mafalda, DUARTE, Fábio, OLIVEIRA, Maria Teresa (eds.) ROSA, Maria de Lurdes (coord.) (2024). *VINCULUM, A Memória dos Vínculos. Documentos do Projeto VINCULUM ANTOLOGIA DE FONTES*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. Doi: <https://doi.org/10.14195/978-989-26-2667-3>

PAIVA, José Pedro (coord). (2005) *PORTUGALIAE MONUMENTA MISERICORDIARUM. Vol. 4: Crescimento e Consolidação: de D. João III a 1580*. Lisboa: União das Misericórdias Portuguesas.

REGO, António da Silva (1949). *Documentação para a história das missões do padroado português do Oriente*. Índia, vol. 2 (1523-1543). Lisboa: Divisão de publicações e biblioteca, Agência geral das colónias.

VALLE DE CASTRO, Francisco do (2013). A igreja de Santa Iria em Tomar. *Invenire*, n.º 7. Lisboa: Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, pp. 30-32.

